No Centenário do Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos

(23 DE DEZEMBRO DE 1852)

(Discurso pronunciado na sessão do Instituto do Ceará de 20 de dezembro de 1952)

Alba Valdez

Apresentando preciosa série de centenários de nascimento de homens que engrandeceram o patrimônio cívico, moral e cultural do Ceará, êste ano da graça de 1952, quase a findar, foi, nesse particular, de notável liberalidade.

Na serenidade augusta dêste recinto, muda testemunha de árduos labôres do espirito, ressoaram, a intervalos, os nomes de Justiniano de Serpa, José Manuel Pereira Pacheco, Agapito Jorge dos Santos, Pe. Pedro Leopoldo de Araújo Feitosa, Antônio Dias Martins, Tomás Pompeu de Sousa Brasil, Antônio Epaminondas da Frota, Mons. Bruno Rodrigues da Silva Figueiredo, Carlos Augusto Peixoto de Alencar, José Sombra, Fausto Carlos Barreto.

Foram sonoridades de eloquência a envolverem a memória daqueles que, empregando inteligência, ação, entusiasmo, todo o idealismo, enfim, de que eram capazes, muito fizeram pela projeção e glória do berço natal. As vibrantes palavras proferidas nesses momentos solenes como que configuravam alevantados pedestais, alçando mais aquêles heróis da luta existencial que surgiam do passado para estímulo do pensamento construtor, para exemplo do presente que preparará o futuro.

Justiniano de Serpa, o caboclo de Aquiraz, saído das mais profundas obscuridades do povo, e que galgou altos píncaros políticos e sociais; José Manuel Pereira Pacheco, apóstolo do desenvolvimento da agricultura, autor de importantes trabalhos sôbre êsse assunto; Agapito Jorge dos Santos, professor, político, aquecendo a pena de jornalista combatente na exaltação das idéias e princípios que defendia;

Pe. Pedro Leopoldo de Araújo Feitosa, respeitável membro do clero e jornalista; Antônio Dias Martins Júnior, poeta, jornalista, paladino das lides da abolição, que formam as páginas de mármore da nossa história; Tomás Pompeu de Sousa Brasil, enciclopédia viva e fulgurante; Antônio Epaminondas da Frota, ilustre engenheiro; Mons. Bruno Rodrigues da Silva Figueiredo, exímio educador, profundo conhecedor do idioma de Cícero; Carlos Augusto Peixoto de Alencar, militar, prógono do movimento abolicionista; José Sombra, distinto médico, sócio efetivo do Instituto do Ceará desde a sua fundação; Fausto Carlos Barreto, político, jornalista, professor, um dos pioneiros dos modernos estudos linguísticos do Brasil.

Não param aí as comemorações festivas. Este ano de 1952 que, logo no princípio, se engalanou com as cintilações de uma grande efeméride, antes de encerrar-se no passado, exibe mais centenários de cearenses de prol: o do Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos, a cuja memória o Instituto do Ceará presta, neste momento, comovida homenagem; e, por último, a 31, o de Mons. José Leone Menescal, doutor em cânones e bacharel em filosofia.

O Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos deu à sua vida a fisionomia da inteligência que pensa, trabalha e persevera, sempre voltado para o deleite e as vitórias do espírito. Elevou-se pelo próprio merecimento na magistratura, no magistério, na tribuna da Assembléia Estadual e das agremiações literárias e científicas, no jornalismo. Cidadão de virtudes públicas e privadas, o Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos ascendeu a escala social, saiu do terra-à-terra da existência, forjando o caráter nos ensinamentos do Evangelho, nos estudos, na batalha da vida, sobranceiro à crítica virulenta que sofre todo aquêle que é vítima da inveja dos nulos e da antipatia dos maus.

Nasceu a 23 de dezembro de 1852 em Maranguape, que também se orgulha de ter sido o berço do historiador máximo do Brasil, Capistrano de Abreu, e de Raimundo Antônio da Rocha Lima, falecido aos 23 anos de idade, autor de *Crítica e Literatura,* obra póstuma, na qual revelou talento genial. Naquêles tempos, a carreira eclesiástica era a preferida pelas famílias cearenses que sonhavam para os seus filhos uma posição de realce e nobreza na sociedade. Satisfazendo o desejo de seus pais, Sr. Justino Augusto de Vasconcelos e D. Francisca Cândida de Vasconcelos, julgando ainda seguir a sua vocação, entrou o jovem Antônio Augusto para o Seminário de Fortaleza, salientando-se, desde logo, como um dos alunos mais distintos.

Cursou o estabelecimento religioso até 1874, deixando-o, antes de terminar os estudos, por uma questão de sinceridade, depois de consultar os seus sentimentos e pendores que ora o impeliam para outras arenas de ação. Passados dois anos, isto é, em 1876, ingressou na Faculdade de Direito do Recife. Decorreu com real brilhantismo o seu currículo acadêmico, pois o antigo seminarista levava para a nova

ciência, a que se ia dedicar, apreciável conteúdo de conhecimentos clássicos, aumentados e consolidados no diuturno labor absorvente de manusear os livros.

Viu coroada a nobre tarefa dos estudos com o diploma de bacharel em ciências jurídicas e sociais, concedido a 5 de novembro de 1880, com nota distinta.

Em Recife houve ainda outro grande acontecimento da sua existencia, êste de natureza íntima afetiva. Em 1879, consorciou-se com D. Cesária Barreto Carneiro Leão, pertencente a distinta família pernambucana. Nasceram dessa união quinze filhos, que educou com extremado desvêlo. Alguns dêles destacaram-se no cenário da vida pública e intelectual não só do Ceará senão do País. No seu Dicionário Bio-bibliográfico Cearense, o Barão de Studart enumera no lugar respectivo a relação dos filhos do Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos, a qual transporto para aqui:

Professora Júlia Carneiro Leão de Vasconcelos, catedrática de Geografia da Escola Normal; Carlos Carneiro Leão de Vasconcelos, engenheiro civil e bacharel em ciências físicas e naturais (1902); Artur Carneiro Leão de Vasconcelos, médico, formado na Faculdade de Medicina do Rio (1906); Abner Carneiro Leão de Vasconcelos, formado na Faculdade de Direito do Ceará (1907), promotor de Fortaleza (atualmente ministro do Tribunal Federal de Recursos do Rio de Janeiro); Nilo Carneiro Leão de Vasconcelos, 5º anista de Direito; Jaime Carneiro Leão de Vasconcelos, 4º anista de Direito; Maria Augusta, normalista diplomada; Edgard Carneiro Leão de Vasconcelos, estudante de preparatórios. Da lista constavam ainda os nomes dos filhos menores Hilda, Ester, Carmem, Zaide, César, Valdo e Tales.

O sugestivo número de filhos doutores do Dr. Antônio Augusto e o dos outros em vias de titularem-se provocou no Dr. Pedro de Queirós, conhecido publicista patrício, esta observação, a que o escritor Hugo Victor se referiu num dos seus trabalhos: "A casa do Antônio Augusto é uma Academia!". Aliás, eu tinha antigo conhecimento do dito do Dr. Pedro de Queiroz por muito repetido por vozes da cidade. A professora Júlia de Vasconcelos, especializada em geografia, catedrática desta matéria na Escola Normal Justiniano de Serpa, sucedeu a seu ilustre pai na cadeira que êste ocupou no Instituto do Ceará, do qual foi um dos sócios fundadores. Anos depois, em virtude da transferência da residência da ilustrada professora para a Capital Federal, preencheu a vaga aberta a pessoa que, nêste momento, está com a palavra.

De regresso ao Ceará, após a sua formatura, Antônio Augusto enveredou na magistratura, sendo nomeado promotor de Justiça de Canindé, cargo que exerceu depois em Granja.

Em 1882, foi promovido a Juiz Municipal de Aracati e daí removido em março de 1883 para a comarca de Pereiro. Na sua perma-

nência em diversas localidades do interior da Província, o magistrado não se ocupou apenas em distribuir a justiça entre os seus jurisdicionados com a inteireza de caráter que lhe grangeava continuadamente a simpatia e o apreço de todos.

Recém-saído de um ambiente intelectual adiantado, tal a Faculdade de Direito do Recife, tradicional viveiro de eminentes personalidades do país, é de crer que contemplasse com tristeza o estado de ignorância em que vegetavam os seus conterrâneos sertanejos, ainda com as vivas cicatrizes das chagas que lhes deixaram os três horríveis anos da sêca, principiada em 1877. Cônscio dos benefícios da educação que, elevando as faculdades do homem, melhora concomitantemente os seus meios de ação, Antônio Augusto de Vasconcelos revelou-se um semeador das luzes da instrução. Tornava-se preciso, nessa conjuntura, valorizar o indivíduo, unidade do progresso social e econômico, proporcionar-lhe ensejo para a aquisição de um *quantum* de auto-suficiência mental, para não andar às tontas, não ficar parado diante das encruzilhadas da existência. O obscurantismo, em verdade, estava em antinomia com a soberbia do século XIX, que era designado pomposamente por "século das luzes".

Diante da melancólica realidade cearense e brasileira, uma medida impunha-se necessária e imediata. Ensinar o ABC àquela gente, ensinar-lhe a soletrar, a ler corrente o livro, o jornal, o catecismo, a cantar a tabuada, a prova dos nove, métodos antigos (todos os métodos são bons quando conduzem à verdade) pelos quais aprenderam as grandes ilustrações da época. Então o promotor de Justiça da comarca de Granja sentiu o impulso de um idealismo magnífico que pôs em prática, sacrificando o descanso reclamado pela tarefa jurídica, as horas de alegria no convívio da família, para ser útil à coletividade em que vivia. Fundou ali não só uma escola popular noturna como um gabinete de leitura. Fazia conferências, objetivando problemas e assuntos que interessassem e instruissem a população. Entre êsses assuntos, avultava a escravidão dos negros, a ignóbil instituição que êle combatia com o poder de eloquência envolvente. E, não contente com o que já havia feito, fundou, com Valdemiro Moreira, um jornal — *O Granjense*, que iria contribuir para a popularidade das letras e o gôsto da instrução.

O funcionamento, à noite, dos centros educativos que instalara não prejudicaria o aluno, o frequentador de ambas, que se entregaria às suas ocupações durante o dia, evitando, por outro lado, males sociais, hábitos nocivos, vícios comuns, tanto aos habitantes das cidades como aos dos campos. Em Pereiro, Antônio Augusto, já promovido a Juiz Municipal, repetiu o gesto patriótico e benemérito: a fundação de uma escola noturna e um gabinete de leitura para solenizar a libertação dos escravos do município, em número de 164, ocorrida a 27 de setembro de 1883.

A carreira da magistratura, porém, não era ainda aquela que o seduzia. Possuia a alma de professor e era isso o que queria ser. Voltou para Fortaleza, dedicando-se ao magistério secundário, dando lições particulares.

Em 1887 foi nomeado Diretor da Biblioteca Pública, cargo, que, diga-se de passagem, teve como ocupantes entre outros, o abalizadc Prof. José de Barcelos e o bardo Juvenal Galeno. Êsse passo na burocracia, é lícito supor, teria sido determinado por um imperativo de ordem financeira, pois o magistério, notadamente o particular, não proporcionava, pelo menos naquela época, suficientes meios de subsistência. Com a criação da Escola Militar do Ceará, iniciou a carreira do magistério público superior, sendo nomeado lente de História daquele estabelecimento em março de 1889. Extinta a Escola Militar, ficou êle em disponibilidade. Não se interromperam, ainda assim, os seus trabalhos professorais. Em 1896 integrou o corpo docente do Liceu Cearense na qualidade de professor de Geografia, matéria pela qual manifestava predileção. Lecionava com proficiência qualquer disciplina do curso ginasial, tomando parte em tôdas as bancas examinadoras, com exceção das de alemão e matématica.

Ei-lo em 1903 na Faculdade Livre de Direito do Ceará que fundou com outros espíritos lúcidos, imbuídos da missão civilizadora. A instalação dêsse estabelecimento de ensino superior inaugurava, por sua vez, um período de progresso na cultura do Ceará. Era, de fato, uma grande cousa realizada no campo educacional, um forte impulso dado ao movimento intelectual da gleba cearense, que contava ali os mais altos expoentes do saber. Com o instrumento de uma linguagem eloquente, estruturada em sólidos conhecimentos de filosofia, história e sociologia, a sua palestra, as suas lições constituiam um encanto para todos aquêles que o ouviam. Antônio Augusto, à semelhança de José de Barcelos e outras figuras do magistério cearense, fazia do ensino um apostolado, a sua alegria de viver. E, por isso, os seus discípulos o estimavam.

Foi, muitas vêzes, escolhido paraninfo das turmas de bacharelandos, os quais, com êsse gesto, demonstravam apreço e reconhecimento ao inesquecível mestre. Nas solenes reuniões em que os rapazes recebiam o prêmio dos seus estudos acadêmicos, a palavra do mestre se elevava por entre o entusiasmo geral, palavra ungida de sabedoria e de fé na sorte da Pátria, nobre diretriz para êles que iam palmilhar um mundo novo. Era aquela a mais bela lição do ano.

O Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos, de expressão fluente, cantante, harmoniosa, como um verso, na qual muitos percebiam tintas românticas era, porventura, o mais aplaudido orador do seu tempo. Quem sabe se essa fácies romântica do seu espírito não foi que o qualificou na galeria dos grandes cearenses como um invulgar obreiro do nosso Progresso?

A intensidade do idealismo que o dominava, o amor às letras, o culto do primado da inteligência fêz-se notar em tôda a sua vida desde o tempo em que fundava escolas noturnas e gabinetes de leitura e realizava conferências no interior cearense.

Foi, em 1887, com o Dr. Guilherme Studart, posteriormente Barão de Studart, Paulino Nogueira, Tomás Pompeu, Antônio Bezerra e outros, fundador do Instituto do Ceará, que tanto renome tem dado a êste Estado no tocante ao cultivo da sua história e das suas tradições. Também sócio fundador em 1894 da Academia Cearense, atualmente Academia Cearense de Letras, que tem sôbre a sua congênere Academia Brasileira de Letras a prioridade da antiguidade. E ainda em 1913 fundou com A. Epaminondas da Frota e Soriano de Albuquerque a Faculdade de Letras.

Escreveu-se algures sôbre o Dr. Antônio Augusto de Vasconcelos o seguinte: "... distinguiu-se em o nosso meio pelas facetas brilhantes dos mais altos predicados que podem exornar um homem".

Ocorreu o seu falecimento a 10 de março de 1930. Em 5 de janeiro do mesmo ano, apenas dois meses antes, interpretara em formoso discurso os sentimentos de gratidão do Instituto do Ceará que, em sessão especial e festiva, concedia ao Barão de Studart, pelos relevantíssimos serviços prestados à nobre instituição, o diploma de Grande Benemérito.

Foi o canto do cisne. Nunca esta imagem — antiga, mas sempre bela — serviu tanto, como neste caso, para assinalar um fim-de-vida glorioso.